

COLEÇÃO  MISTÉRIO JUVENIL

ROBIN STEVENS





UM CHÁ
COM
VENENO

Trata-se do relato do Caso do Sr. Curtis,
uma investigação da
Sociedade de Detetives Wells & Wong.

Escrito por Hazel Wong, de 13 anos
(Vice-Presidente e Secretária da Sociedade de Detetives)

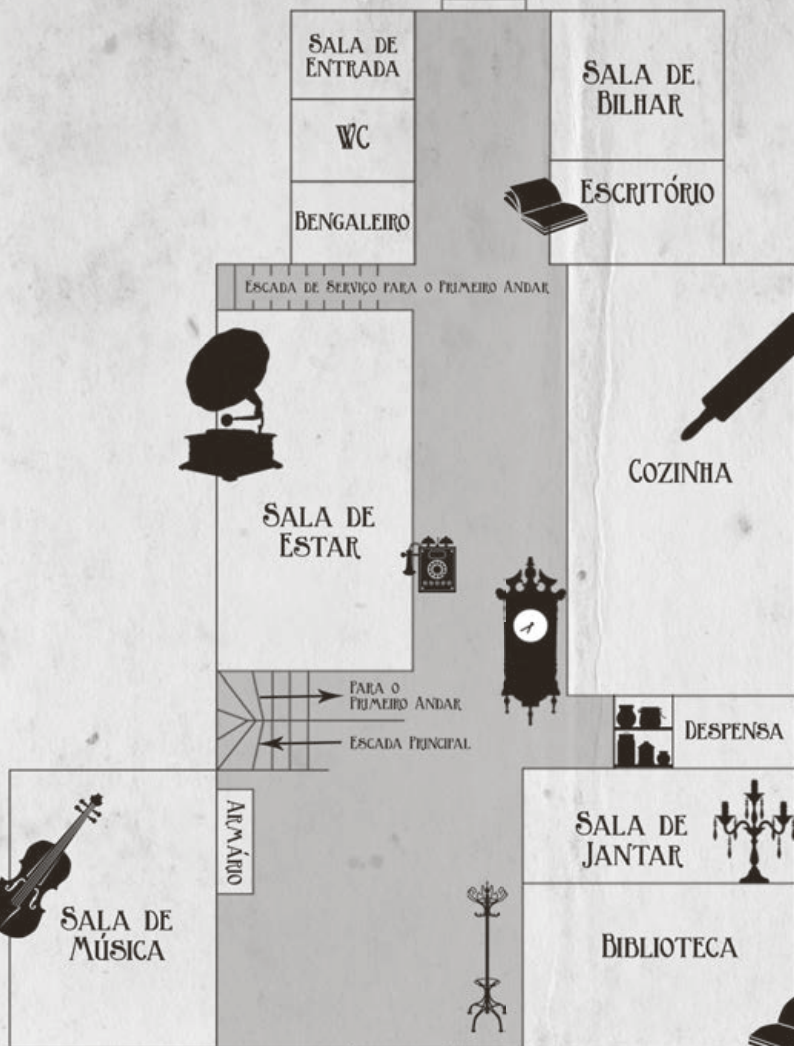
Início a 13 de abril de 1935, sábado.

FALLINGFORD



RÉS DO CHÃO

PORTA DAS TRASEIRAS

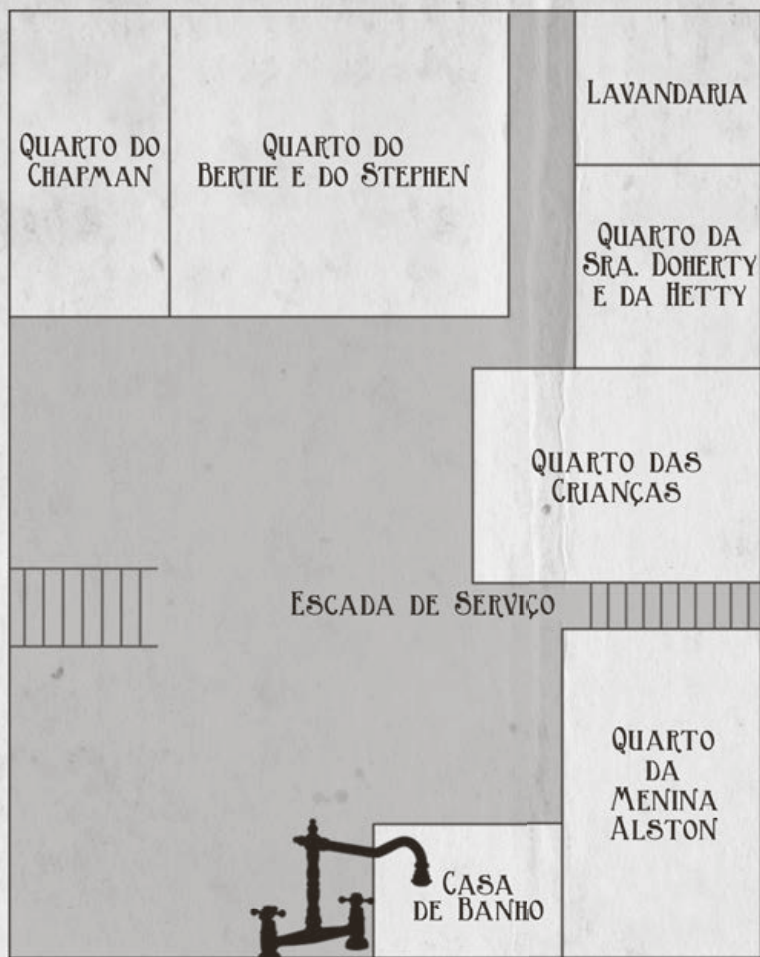


PORTA DA FRENTE

PRIMEIRO ANDAR



SEGUNDO ANDAR





FALLINGFORD



FAMÍLIA WELLS

George Wells — *Lorde Hastings*

Margaret Wells (nascida Mountfitchet) — *Lady Hastings*

Saskia Wells — *Tia do Lorde Hastings*

Felix Mountfitchet — *Irmão da Lady Hastings*

Albert Bertie Wells — *Filho do Lorde e da Lady Hastings*

Daisy Wells — *Filha do Lorde e da Lady Hastings*

e Presidente da Sociedade de Detetives

CONVIDADOS

Hazel Wong — *Vice-Presidente e Secretária da Sociedade de Detetives*

Katherine *Kitty* Freebody

Rebecca *Beanie* Martineau

Denis Curtis — *Amigo da Lady Hastings*

Menina Lucy Alston — *Tutora da Daisy Wells*

Stephen Bampton — *Amigo da escola do Bertie Wells*

EMPREGADOS DA CASA

Chapman — *Mordomo da família Wells*

Sra. Doherty — *Cozinheira e governanta da família Wells*

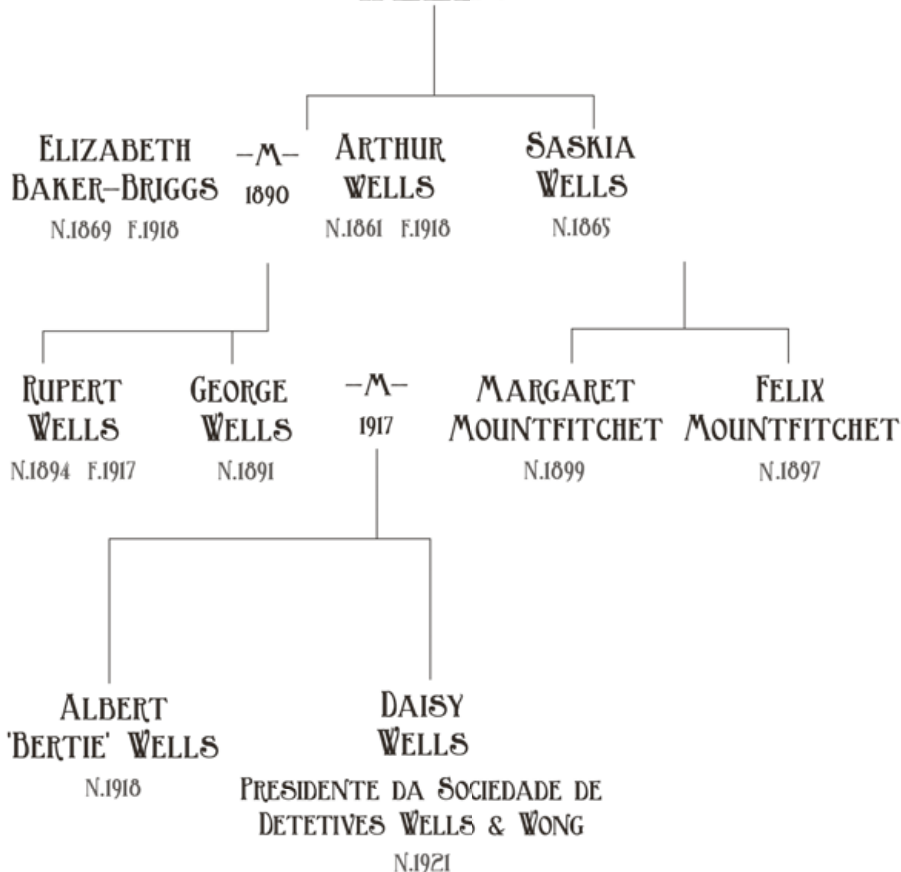
Hetty — *Empregada doméstica da família Wells*

CÃES

Tosta

Millie

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA WELLS



N - NASCIDO
 F - FALECIDO
 M - MATRIMÔNIO

PARTE UM



A CHEGADA DO SR. CURTIS

Aconteceu algo horrível ao Sr. Curtis.

Fiquei bastante surpreendida por me sentir preocupada. Se, esta manhã, me tivessem perguntado o que eu achava dele, teria respondido que o Sr. Curtis não é uma pessoa nada simpática. Mas nem a pessoa mais detestável merece o que lhe aconteceu.

É claro que a Daisy não vê isto assim. Para ela, os crimes não são coisas reais com que nos devamos preocupar. Só lhe interessa o facto de *se ter passado* algo e quer perceber o que foi. Eu também, obviamente — não seria um verdadeiro membro da Sociedade de Detetives se não quisesse —, mas, por mais que tente, não consigo pensar só como detetive.

A verdade é que eu e a Daisy vamos ter de pensar como detetives outra vez. É que acabámos de ouvir algo bastante terrível, algo que prova que o que aconteceu ao Sr. Curtis não foi um simples acidente ou uma doença repentina. Alguém lhe fez mal, o que só pode significar

uma coisa: a Sociedade de Detetives tem um novo caso para investigar.

A Daisy mandou-me escrever, no caderno de casos da Sociedade de Detetives, o que descobrimos até agora. Ela insiste sempre na importância de se tomarem notas, mas também acredita piamente que não deve ser *ela* a fazê-lo. As notas são da minha responsabilidade: eu sou a secretária da Sociedade, além de vice-presidente, e a Daisy é a presidente. Apesar de eu ser tão boa detetive quanto ela — já o provei durante o nosso primeiro caso a sério, o assassinato da Professora Bell —, sou um tipo de pessoa muito diferente da Daisy.

Eu gosto de pensar nas coisas antes de agir, enquanto a Daisy tem sempre de se atirar de cabeça, como um cão atrás de um coelho, e isso não me dá muito tempo para tomar notas. Fisicamente, também somos completamente diferentes: eu sou morena, baixa e redondinha, e a Daisy é magra como um espeto, alta e com um maravilhosos cabelo dourado.

Ainda assim, somos melhores amigas e excelentes parceiras de investigação criminal.

Mas o melhor é despachar-me a explicar o que se passou e quem é o Sr. Curtis.

Penso que tudo começou quando vim para Fallingford, a casa da Daisy, passar as férias da Páscoa e o aniversário dela.

2

O primeiro semestre no nosso colégio, Deepdean, tinha sido bastante calmo e normal, o que foi surpreendente, depois de tudo o que aconteceu no ano passado — quer dizer, o assassinato, e depois aquela história terrível de o colégio poder ter de fechar. Mas o primeiro semestre foi bastante pacato, sem quaisquer indícios de perigo ou morte, fiquei muito satisfeita. O caso mais emocionante que investigámos por esses dias foi o Caso do Sapo na Cama da Kitty.

Eu esperava que Fallingford fosse igualmente sossegado. Fallingford, para este novo caderno de caso, é a casa da Daisy: uma típica mansão de campo inglesa, com paredes revestidas a painéis de madeira e longos hectares de terreno, onde há um labirinto e até mesmo uma enorme araucária no meio do espaço exterior da entrada principal. De início, pensei que a árvore era falsa, mas depois investiguei e descobri que é mesmo real.

Sinceramente, Fallingford é como uma casa saída de um romance. Tem um bosque e um lago, quatro lanços de escada (a Daisy acha que também deve haver uma passagem secreta, só que nunca a descobriu) e uma horta com um muro, tão escondida quanto a da Mary Lennox no livro *Jardim Secreto*. Vista de fora, é um grande cubo de pedra amarelo-torrado que tem vindo a ser ampliado ao longo de centenas de anos; por dentro, é uma caixa mágica de divisões, escadas e corredores, que se desdobram e se interligam em várias direções ao mesmo tempo. Há bandos inteiros de pássaros empalhados (com destaque para uma coruja empalhada no patamar do primeiro andar), um piano de cauda, vários baús e até mesmo uma armadura verdadeira no átrio. Tal como em Deepdean, tudo é tratado com tanto desinteresse e está tão velho e desgastado, que demorei algum tempo a perceber o quanto todas estas coisas são realmente valiosas. A mãe da Daisy deixa as suas joias espalhadas em cima do toucador, os cães, quando chegam todos enlameados dos seus passeios, são secos com toalhas que foram presentes de casamento oferecidos pelo rei à avó da Daisy, e a Daisy dobra o canto das páginas das primeiras edições dos livros da biblioteca. Não há nada com menos idade do que o pai da Daisy, e isso faz com que a mansão branca e reluzente da minha família em Hong Kong pareça apenas uma falsificação.

Chegámos no carro da família, conduzido pelo motorista, o O'Brian (que é também o jardineiro — ao contrário

da nossa família, os Wells parecem não ter empregados suficientes, e eu suspeito que isso também tenha algo que ver com o estado meio abandonado da casa), numa soa-lheira manhã de sábado, a seis de abril. Passámos da luz do dia para o grande átrio escuro (com piso de pedra, onde a armadura espreitava, assustadora, na penumbra), e o Chapman, o velho mordomo dos Wells, lá estava, para nos receber. Tem o cabelo branco e as costas curvadas, e está na família há tanto tempo que já começa a ficar mais lento, como o relógio de parede do bisavô. Os dois cães também lá estavam: a pequena *spaniel*, a *Millie*, que saltava em volta dos joelhos da Daisy, e o velho e gordo *labrador* amarelo, o *Tosta*, que se balançava para trás e para a frente nas suas patas rígidas, gemendo como se estivesse doente. O Chapman baixou-se para pegar na caixa da bolama da Daisy, deu um gemido igualzinho ao do *Tosta* (ele é mesmo muito velhote — eu ficava sempre com medo de que ele parasse de repente a meio de qualquer coisa, como um brinquedo enferrujado) e disse:

— Menina Daisy, que bom tê-la de volta a casa.

Foi então que o pai da Daisy saiu apressado da biblioteca. O Lorde Hastings (*Lorde Hastings* é como se chama o pai da Daisy, embora o seu apelido seja Wells, como o da Daisy — parece que, quando alguém se torna lorde, recebe um nome extra para mostrar a sua importância) tem bochechas rosadas e rechonchudas, um grande bigode branco e uma barriga que fica apertada dentro

dos seus casacos de *tweed*, mas, quando sorri, fica igualzinho à Daisy.

— Filha! — gritou ele, estendendo os braços. — Amiga da filha! Eu conheço-te?

O pai da Daisy é muito esquecido.

— Claro que conheces a Hazel, pai — disse a Daisy, suspirando. — Ela veio passar o Natal connosco.

— Hazel! Bem-vinda, bem-vinda. Como estás? *Quem és?* Não te pareces com as amigas habituais da Daisy. És inglesa?

— Ela é de Hong Kong, pai — respondeu a Daisy. — A culpa não é dela.

Apertei os dedos com força à volta das pegadas da minha mala de viagem e tentei continuar a sorrir. Já estou tão habituada a estar em Deepdean — e lá já estão todos tão habituados a mim — que, às vezes, até me esqueço de que sou diferente. Mas, assim que saio do colégio, lembro-me logo. Quando me veem pela primeira vez, as pessoas fitam-me e, às vezes, dizem algo baixinho. Muitas vezes, dizem em voz alta. Eu sei que as coisas são assim, mas gostava de não ser a única pessoa como eu — e gostava de que a pessoa que *eu* sou não parecesse o tipo errado de *eu* que alguém possa ser.

— Chamo-me Lorde Hastings — disse o Lorde Hastings, tentando claramente mostrar-se prestável —, mas podes chamar-me «pai da Daisy», porque é isso que eu sou.

— Ela sabe, pai! — disse a Daisy. — Já te disse, ela já cá esteve antes.

— Bom, estou imensamente feliz por estarem cá as duas agora — disse o pai da Daisy. — Venham à biblioteca. — E começou aos saltinhos na ponta dos pés, com as bochechas esticadas acima do bigode, num sorriso.

A Daisy olhou para ele, desconfiada.

— Se é mais um dos teus truques... — começou ela.

— Oh, anda daí, miúda impertinente. — Ele estendeu o braço, e a Daisy, a sorrir, aceitou-o, como uma dama a ser encaminhada para o jantar.

O Lorde Hastings conduziu-a do átrio para o interior da biblioteca. Eu segui-os. A biblioteca é mais quente e as estantes estão cheias de livros com capas de couro, puídos e muito lidos. É estranho compará-la à biblioteca do meu pai, onde todas as coisas combinam e que é limpa duas vezes por dia por um dos empregados. De facto, Fallingford é tão desarrumada quanto a cabeça da Daisy por dentro.

O Lorde Hastings fez um gesto para a Daisy se sentar num cadeirão verde e fofo, cheio de almofadas. Ela sentou-se graciosamente, e imediatamente se ouviu um som alto e muito grosseiro.

O Lorde Hastings deu uma enorme gargalhada.

— Não é fantástico? — exclamou ele. — Vi-o na revista *Boy's Own Paper* e encomendei-o logo.

A Daisy resmungou.

— Pai — disse ela —, és terrivelmente tolo.

— Oh, vá lá, querida Daisy. É uma excelente piada. Às vezes pergunto-me se tu serás mesmo uma criança.

A Daisy levantou-se e esticou-se.

— De facto, pai — disse ela —, a mim parece-me que não há espaço para *outra* criança nesta casa. — Mas estava outra vez a sorrir, e o Lorde Hastings retribuiu-lhe o sorriso.

— Agora, vamos, Hazel, acho que está na hora de subirmos para o nosso quarto.

E lá fomos nós.

3

O Lorde Hastings passou a semana toda a pregar partidas. — Pai — resmungou a Daisy ao tirar uma mancha de tinta falsa do prato, na terça-feira —, és mesmo embaraçoso. — Mas eu percebi, pela forma como ela o olhou, enquanto ele ria baixinho por detrás do guardanapo, que não estava a falar a sério. Embora a Daisy cuidadosa e bem-comportada continuasse presente sempre que a mãe estava atenta, eu reparei que o seu lado secreto, aquele inteligente e extremamente interessado em tudo, continuava a surgir perto do Lorde Hastings, e eu sabia que isso significava alguma coisa. A Daisy só mostra o seu verdadeiro *eu* às pessoas de quem realmente gosta, e não são muitas. Mas, naquele dia ao jantar, a Lady Hastings estava presente e, portanto, a Daisy tinha o cuidado de se comportar de maneira absolutamente correta.

— *A sério*, George? — atirou a Lady Hastings, lançando um olhar crítico ao marido.

Todos nos encolhemos um pouco. Estava a passar-se algo de muito errado entre o Lorde e a Lady Hastings nestas férias. No Natal, eu achara a mãe da Daisy bastante simpática, embora um pouco distante, mas desta vez ela estava muito diferente: sensível e irritadiça com tudo. Continuava tão alta, loira e maravilhosamente bela como no Natal, mas agora a sua beleza era como um jarro de porcelana em que não se podia tocar. Tudo o que o Lorde Hastings fazia parecia estar errado. Estar em casa com eles era quase como estar no meio de uma guerra, com tropas de ambos os lados a lançarem bombas por cima das nossas cabeças. Eu, por acaso, sei tudo sobre pais que não se falam: em minha casa, há semanas em que a mãe e o pai só falam através de mim, como se eu fosse um telefone ambulante, mas isto parecia algo completamente diferente. O pobre Lorde Hastings andava cabisbaixo. Esperançosos presentes de flores meio murchas e chocolates meio esborrachados apareciam continuamente à porta do quarto da Lady Hastings, mas eram enviados diretamente para as cozinhas, que começaram a parecer-se bastante com o interior de uma estufa. Eu e a Daisy comíamos a maior parte dos chocolates nas nossas merendas (a Daisy insistia em fazer merendas durante as férias, «em homenagem a Deepdean», e eu não via razão para discordar dela).

— Ele ama-a — disse a Daisy, mastigando um bombom de laranja —, e ela também o ama, a sério, só que às vezes não o demonstra. Mas acaba por voltar a si.

Eu não tinha tanta certeza. A Lady Hastings parecia passar o tempo todo fechada no seu quarto ou a sussurrar ao telefone, no corredor, e calava-se sempre que nos aproximávamos demasiado.

Não fomos apenas eu e a Daisy que nos tornámos reféns da guerra entre os pais dela. O irmão da Daisy, o Bertie, que está no último ano em Eton, também estava em casa de férias.

O Bertie é incrivelmente parecido com a Daisy — uma Daisy mais alongada, como um choupo, e sem aquele cabelo todo —, mas se a Daisy fervilha de energia, o Bertie fervilha de raiva. Estava sempre zangado e, assim que chegou, começou a agitar a casa. Tinha umas calças verde-vivas e um *ukelele* desafinado, que insistia em tocar a qualquer hora do dia e da noite (segundo a Daisy, ele só sabia tocar três músicas, e eram todas asneirentas), e trouxe um amigo chamado Stephen Bampton.

Sentia-me muito aliviada por o Stephen *não* ser uma pessoa mal-humorada. Era baixo e atarracado, com cabelo ruivo, liso, e parecia simpático e um pouco triste. Olhava-me como se eu fosse uma *pessoa*, e não uma representação do Oriente, e gostei logo dele.

Fiquei contente por ele estar cá, porque, nestas férias, Fallingford parecia-me um lugar estrangeiro, ou talvez me recordassem do quão estrangeira *eu* era. O Bertie tocava o seu *ukelele*, musicalmente zangado, o Lorde e a Lady Hastings discutiam, e a Daisy saltitava pela casa,

mostrando-me esconderijos secretos, ninhos de andorinhas e uma espada que pertencera ao seu bisavô, e eu comecei a sentir saudades do calor sufocante e dos arranjos de flores artificiais da minha própria casa em Hong Kong.

A última pessoa da casa — além da cozinheira e governanta, a Sra. Doherty, e da criada, a Hetty — era a Menina Alston, a tutora da Daisy. Durante as férias de Deepdean, havia sempre uma tutora para ajudar a Daisy com os estudos e evitar que ela se metesse em sarilhos e para ajudar o Lorde Hastings a escrever cartas.

— Ele atrapalha-se quando tenta fazê-lo sozinho, coitadinho — disse-me a Daisy, a título de explicação.

Nestas férias, inexplicavelmente, a chata e monótona Menina Rose, que tínhamos aturado no Natal, tinha ido embora.

— E despediu-se com um breve telefonema! — disse a Lady Hastings, mais irritada que nunca. — Francamente! — Em vez dela, agora tínhamos a Menina Alston.

A Menina Alston era, como diria a Kitty, nossa colega de camarata em Deepdean, uma desleixada. Era a perfeita imagem de uma *intellectualona*: usava roupa larga e feia, sem cintura, o cabelo apanhado num coque pesado, e andava sempre com uma mala enorme de cabedal, castanha e feia. À primeira vista, parecia muito previsível e aborrecida, mas era uma ilusão. Quanto mais estudos tínhamos com ela, mais nos dávamos conta de que a Menina Alston não era nada aborrecida. Era interessante.

A Menina Rose limitava-se a conduzir-nos pelos trabalhos de casa de Deepdean como um general sem tempo a perder, mas a Menina Alston não era nada assim. Se estivéssemos a trabalhar numa tradução de latim sobre Aníbal, ela parava para falar sobre os seus elefantes. Se estivéssemos a estudar a água, ela levava-nos lá fora para observarmos as nuvens. Quando estávamos a ler uma peça de Shakespeare, ela perguntou-nos se tínhamos pena dos Macbeths. Eu disse que sim (embora eles não devessem ter feito o que fizeram), e a Daisy disse que claro que não.

— Expliquem lá isso — disse a Menina Alston, e, durante quase meia hora, esquecemo-nos ambas completamente de que estávamos a fazer trabalhos de casa, nas férias, com uma tutora.

O mais estranho é que, junto dos adultos, a Menina Alston era muito diferente. Era perfeitamente normal. Quando não estava ocupada connosco, sentava-se com o Lorde Hastings, a escrever-lhe as cartas, a fazer listas e a encomendar-lhe ioiôs e bigodes postiços dos seus catálogos da *Boy's Own*. Ele achava a Menina Alston extremamente aborrecida, tal como eu e a Daisy tínhamos achado, antes de ela começar a dar-nos as aulas.

— Ela nem se ri das minhas piadas! — queixava-se ele.

— Não me parece que *isso* seja uma surpresa — disse a Daisy, dando-lhe uma festinha na cabeça, como se estivesse a dar uma festa ao *Tosta*.

— Mãe, onde encontraste a Menina Alston?

— Credo, como hei de lembrar-me? — perguntou a Lady Hastings, que estava ocupada a tentar escovar pelos de cão da sua capa. — Na agência, suponho. Havia uma carta... Céus, Daisy, porque tens de reclamar das tuas tutoras? Sabes muito bem que eu não posso tomar conta de ti.

— Como é óbvio — respondeu a Daisy, friamente. Eu sabia o que estava por trás da pergunta dela. A Daisy queria perceber a Menina Alston e o que a tornava tão diferente, mas isso não tinha uma resposta fácil. A Menina Alston continuava a ser interessante em privado e entediante em público, e eu e a Daisy estávamos cada vez mais curiosas sobre ela.

4

Quando não estava misteriosamente ao telefone, a Lady Hastings passava todo o seu tempo a organizar a festa de aniversário da Daisy, apesar de ser bastante óbvio que a festa seria, na verdade, da Lady Hastings, e não da Daisy.

— Um chá infantil! — disse a Daisy, desdenhosa. — Que idade pensa ela que eu tenho?

Pelo menos, a Daisy teve permissão para convidar pessoas. A Kitty e a Beanie, da nossa camarata de Deepdean, vinham passar o fim de semana connosco, o que me deixou contente. Esta estadia em Fallingford quase me fazia ter saudades dos cobertores ásperos e do cheiro a roupa lavada e a comida de Deepdean.

Na sexta-feira de manhã, estávamos na sala de jantar, e eu ia a meio de uma torrada (com doce de ameixa da horta murada de Fallingford e manteiga do leite das vacas da propriedade), quando ouvimos o motor e a travagem de um carro na gravilha da frente da casa.

A Daisy levantou-se e deixou o seu arenque fumado a meio.

— Kitty! — disse ela. — Beanie! — Empurrou a cadeira para trás e saiu disparada para o átrio. Eu segui-a, ainda a mastigar e a lambe o doce dos meus dedos pegajosos, virei à esquerda através da porta da sala de jantar e... bati de frente nas costas dela.

Dei um grito e agarrei-me ao seu casaco de malha para não cair.

— Daisy! — exclamei. — Que raio... — A Daisy tinha estacado, assim como a *Millie* quando vê um coelho.

— Olá — disse ela. — Quem é o senhor?

Estiquei o pescoço para ver com quem ela estava a falar.

Ali, parado no arco de pedra da entrada, estava um homem. Era um adulto bastante jovem, com ombros largos e cintura fina, como se tivesse saído de um anúncio. Entrou no átrio, curvando-se com estilo, e vi que tinha um rosto bonito, o cabelo escuro muito liso e um sorriso largo de pasta de dentes. Não parecia nada o tipo de homem que combinava com o átrio de entrada da *Fallingford House*.

O homem presenteou a Daisy com um sorriso aberto.

— Deves ser a Daisy — disse ele. — A pequena aniversariante.

— Sim — disse a Daisy, aproximando-se para lhe apertar a mão, com o seu sorriso mais bonito (embora eu percebesse que ela estava a arder de fúria por lhe chamarem

«pequena») e a arder de curiosidade de saber quem era aquele homem e como é que ele a conhecia, uma vez que ela nunca o tinha visto. A Daisy, como é sabido, detesta estar em desvantagem em relação a qualquer pessoa.

Foi então que a porta da sala de jantar se abriu outra vez com estrondo, e a mãe da Daisy apareceu atrás de nós.

— Mãe — disse a Daisy, despreocupadamente —, quem é este?

— Meu Deus! — exclamou a Lady Hastings, num tom muito estridente e um pouco corada. — Que maravilha! Não te esperava tão cedo, Denis. Daisy, querida, este é o meu amigo Denis Curtis. Veio para a tua festa. Sê simpática.

— Sou *sempre* — disse a Daisy, com um grande sorriso para o Sr. Curtis, mas eu sabia que, por dentro, ela estava furiosa.

— Eu e a tua mãe somos *muito* bons amigos — disse o Sr. Curtis, que parecia continuar a achar que tínhamos sete anos.

— O Denis é *tremendamente* inteligente — disse a Lady Hastings, dando um toque no braço do Sr. Curtis com os dedos. — Trabalha no ramo das antiguidades. Sabe tudo de coisas bonitas. Vai dar uma olhadela nalgumas peças de Fallingford neste fim de semana. Mas... Daisy, quero que isto seja uma bela surpresa para o teu pai. Não lhe contes nada.

Sem poder controlar-se, a Daisy semicerrou os olhos.

— A sério? — perguntou.

— Sim! — A voz da Lady Hastings soou ainda mais estridente. — Sabes como ele pode ser sentimental. Mas pensa bem que fantástico seria se alguns daqueles quadros antigos e horríveis acabassem por valer alguma coisa! Eu podia livrar-me deles e comprar outros novos e lindos!

O comentário preocupou-me. Mas o que me preocupou ainda mais foi a forma como o Sr. Curtis sorria para a mãe da Daisy e como manteve a mão no braço dela por muito mais tempo do que o necessário. Era o tipo de coisas desagradáveis de adulto que eu não entendia... ou entendia, mas preferia não entender.

5

A gravilha da entrada rangeu novamente: primeiro, pneus, depois, pés, mas, quando a porta se abriu, ainda não eram a Kitty e a Beanie. Uma senhora de idade, muito grande e de ombros largos, estava ali à porta, com o cabelo preso num coque alto, um casaco de pelo desgrenhado e várias *écharpes* ao pescoço, mas nenhuma das suas peças de roupa combinava.

— MARGARET! DAISY! — gritou, agitando os braços e os lenços no ar. — CHEGUEI!

A Lady Hastings virou-se e olhou-a, de lábios apertados.

— Olá, tia Saskia — disse ela. — Oh, não, não te preocupes em pedir licença para entrar. Denis, esta é a Saskia Wells, tia do George.

A tia Saskia entrou apressadamente no salão, tirando as luvas às cores e camadas de peles, e apertou a Daisy contra o peito. Pareceu não me ter visto.

— DAISY! — gritou ela outra vez. — Onde está o teu irmão? Onde está o teu querido pai? Ah, claro, e é

o teu aniversário! Doze anos! Que idade tão adorável. Tenho um presente para ti... algures... a menos que... oh, céus, acho que o deixei em casa dos Bridesnades. Era uma *écharpe*... pelo menos, acho que era... oh, não, espera... aqui está!

E tirou a mão do bolso do casaco, revelando um pequeno quadrado de tecido amarrotado.

— Não é linda? — exclamou a tia Saskia. — É de seda. Pelo menos, acho que é. A menos que não seja.

— Obrigada, tia Saskia — disse a Daisy. — O meu aniversário é amanhã. Vou fazer catorze anos.

— Claro que vais! — disse a tia Saskia, pestanejando. — Claro que sim. Não foi o que eu disse? E... credo, quem é esta? Daisy, Daisy, querida. — Puxou a Daisy para perto de si novamente e murmurou, como uma sirene de nevoeiro: — Parece que está uma ESTRANGEIRA no teu salão.

Disse aquilo como se eu fosse um urso ou uma cobra.

— Eu *sei*, tia Saskia — disse a Daisy. — Esta é a *minha amiga* Hazel. Já lhe falei nela. É uma *convidada*.

— A sério? — exclamou a tia Saskia, boquiaberta. — *Que* modernices! No meu tempo, nunca seria permitido.

— Tenho a certeza de que não — disse a Daisy, muito educada. A tia Saskia virou-se para a Lady Hastings, e a Daisy aproximou a cabeça da minha e sussurrou: — No tempo *dela*, alvejavam os criados e comiam pão feito de pasta de papel. O passado é horrível, só que os velhos nunca se dão conta disso.

Senti-me um bocadinho reconfortada... mas só um bocadinho.

Nesse momento, a Menina Alston saiu da sala de música, onde tinha estado a preparar o nosso estudo. Íamos ter uma folga no sábado, graças ao aniversário da Daisy, mas, até lá, tínhamos de trabalhar. Uma das poucas semelhanças entre Fallingford e Deepdean é que os adultos têm a certeza de que é perigoso dar tempo livre às crianças. Acho que eles temem que possamos fazer coisas terríveis.

A Menina Alston viu o Sr. Curtis parado no átrio, com a mala dele aos pés. Por um instante, fitou-o, completamente paralisada. Eu estava a olhar para a cara dela e vi que fez uma expressão extremamente estranha: uma espécie de determinação implacável, como se se tivesse lembrado de algo para fazer e não pudesse esperar por isso. Logo depois, a sua habitual expressão vazia voltou. Os seus dedos apertaram as alças da sua grande mala castanha, e ela virou-se e regressou apressadamente à sala de música. Aquele movimento deve ter chamado a atenção do Sr. Curtis, que a observou, intrigado.

Que estranho, pensei. Pela expressão da Menina Alston, pareceu-me que ela já conhecia o Sr. Curtis, mas o Sr. Curtis não pareceu reconhecê-la. É verdade que também só lhe tinha visto a nuca e a forma dos ombros, mas isso devia bastar. E, de qualquer forma, como é que uma mulher séria e formal como a Menina Alston conheceria

um homem elegante e charmoso como o Sr. Curtis? Aquilo fez com que a Menina Alston parecesse ainda mais estranha e interessante e tornou o Sr. Curtis também mais interessante. Olhei para a Daisy e vi que ela tinha reparado no mesmo que eu. Fitava o Sr. Curtis com a sua expressão mais inescrutável. Quase pude senti-la a pensar: *Suspeito*.

O Lorde Hastings entrou, vindo do jardim, a sacudir folhas e ar frio do seu casaco *Barbour*. Olhou em volta, surpreendido.

— Caramba — disse. — Olá! Convidados! Tia Saskia, que agradável. E... quem é o senhor? — Olhou para o Sr. Curtis por baixo das suas sobrancelhas brancas e espessas e estendeu uma mão rosada e redonda para o cumprimentar.

— Denis Curtis — disse o Sr. Curtis. — Amigo da sua esposa. Conhecemo-nos numa festa em Londres, há uns meses. Ela convidou-me.

Havia ironia na sua voz por trás da palavra *amigo*. Toda a gente a ouviu. Senti o coração apertado. O Lorde Hastings pigarreou e não olhou para a Lady Hastings.

— Esplêndido — respondeu, impassível. — Que esplêndido. Espero que aprecie a sua estada aqui, sim?

— Tenho a certeza de que sim. — A voz do Sr. Curtis transbordava de riso. — Uma casa antiga tão bonita. Única. Mal posso esperar para fazer a visita guiada. — E sorriu com todos os dentes para a Lady Hastings.

— Claro — disse o Lorde Hastings. — Claro. Margaret, faz... Quer dizer... acho que vou sentar-me um pouco na biblioteca. Saskia, fazes-me companhia?

Eu sentia a tristeza que emanava do Lorde Hastings ao conduzir a tia Saskia para a biblioteca, chamando:

— Chapman! Ó Chapman!

Decidi que não gostava nem um bocadinho do arrogante e grosseiro Sr. Curtis, e, pela maneira como a Daisy estremecia de raiva ao meu lado, percebi que ela sentia o mesmo. Havia algo na forma como a sua voz quase se ria, como se estivesse a contar uma piada secreta, e na forma como o rosto da mãe da Daisy ficava corado... Passava-se ali qualquer coisa.

A porta da frente rangeu novamente, e toda a gente se voltou.

— Olá — disse a Kitty. — Nós batemos, mas ninguém abriu. A Beanie não conseguiu pegar na sua mala, por isso, ainda está lá fora. Chegámos atrasadas?

Ao estilo de Agatha Christie,
ambientada nos anos 30, a série policial
Sociedade de Detetives Wells & Wong
apresenta as aventuras emocionantes da
Daisy Wells e da Hazel Wong, duas jovens heroínas
que todos gostariam de ter como amigas.



A Daisy e a Hazel estão de férias em Fallingford, para passar a Páscoa e o aniversário da Daisy. Para a ocasião, a glamorosa mãe da Daisy está a preparar uma elegante festa, e vários amigos e familiares foram convidados, desde a insólita tia Saskia ao charmoso tio Felix.

Porém, durante o chá, um dos convidados é assassinado... e tudo indica que foi envenenamento.

Com a violenta tempestade lá fora, que impede a polícia de chegar ou que alguém saia de casa, de repente, a mansão torna-se um lugar sombrio e perigoso, onde um assassino anda à solta. Ninguém é o que parece e cada um dos presentes guarda um segredo... ou vários.




**Conseguirão a Daisy e a Hazel, uma vez mais,
desvendar todos os mistérios e resolver
este caso intrigante?**

Livros imperdíveis para jovens leitores
que adoram suspense.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-879-4



9 789895 898794